

Maria dos Anjos vive num antigo convento em Lisboa. E não é a única

[Teresa Serafim](#) - 12 de novembro de 2023

Procuramos a casa de Maria dos Anjos e apenas temos um endereço geral: Convento das Bernardas, em Lisboa. Ainda ficamos espedrados na entrada do convento que dá acesso ao Museu da Marioneta, mas temos de fazer um ligeiro desvio. Contornamos o edifício e encontramos uma pequena porta: entramos e acabamos por chegar ao claustro. Um grupo de crianças anda em actividades e, a um canto, avista-se o espaço de um restaurante. Olhamos para o piso de cima, onde há roupas em estendais e botijas de gás ao lado das portas. Ali mora gente. Numa pequena janela, alguém sacode um pano – é Maria dos Anjos.

Vamos ter com ela. Subimos umas escadas e batemos à sua porta, no número 11.

– Pode-se entrar? – perguntamos.

– Façam favor. Estava a limpar o pó – responde, de imediato, a anfitriã ainda com o pano na mão.

De avental envergado, vem cheia de desembaraço receber-nos. Sem perder muito tempo em apresentações, faz-nos uma visita guiada pela casa: aqui é o quarto, ali a casa de banho e acolá a cozinha. “Sempre aqui vivi, mas antes tínhamos só uma casa, agora tenho um quarto e uma cozinha”, recorda, enquanto nos mostra a sua casa.

Maria dos Anjos Valente tem 91 anos e vive desde os anos 40 [neste espaço do Convento das Bernardas](#), no Bairro histórico da Madragoa. Mas as condições eram bem diferentes há 70 anos. Maria dos Anjos nasceu em Estarreja e veio para Lisboa com os pais. Ali, naquele espaço, viveu com os progenitores e os irmãos – “Éramos sete irmãos: cinco raparigas e dois rapazes.”

Desses tempos, lembra a pobreza. Só o pai trabalhava. Ali, no coração de Lisboa, circulavam varinas e a mãe fazia rodilhas de tecido que punham na cabeça para suportar o peso das cargas, mas não saía de casa. “Passei fome e tinha de ir buscar sopa e pão”, faz questão de relembrar. Não tinha mobília e hoje descreve o espaço com divisões como um corredor até onde agora fica a casa da sua vizinha, Maria do Carmo. E é precisamente ela que bate à porta.

– Pode-se entrar, dona Maria dos Anjos? – anuncia-se Maria do Carmo, que já sabia da nossa visita.
– É pena não ter um livrinho que mostrava como isto antes era tudo barracas.

– Não eram barracas, eram casas! Eram casas pobres, mas eram casas – reage logo Maria dos Anjos. Era uma casa pobre, mas era a sua casa.

Um convento de habitação social

Até ao final dos anos 90, o Convento das Bernardas albergava cerca de 100 famílias. Num artigo de 1994, o PÚBLICO relatava as más condições do local: “O convento mantém as características de vila operária, às quais acrescem uma manifesta falta de condições de habitabilidade e um avançado estado de degradação do imóvel.”

O espaço acabaria por passar por um processo de reconversão urbanística. Numa escritura celebrada em 1998, o município de Lisboa tomava posse do edifício. Depois, entre 1999 e 2001, foi lançado o concurso público para que avançasse a obra, que ficaria concluída em 2001. O projecto custaria 1,5 milhões de contos (7,4 milhões de euros), de acordo com um artigo do PÚBLICO de 2001.

“Era um edifício que estava em muito mau estado”, lembra António Tudela, um dos arquitectos envolvidos no projecto de reconversão, que teve como arquitecto responsável João de Almeida, do gabinete de arquitectura Arqui III. “[O convento] tinha uma quantidade absurda de pessoas ali a viver.” António Tudela recorda que o proprietário anterior ao município de Lisboa não fazia obras e as pessoas viviam nas celas das freiras à volta do claustro do convento.

O Convento das Bernardas – ou Mosteiro de Nossa Senhora da Nazaré de Lisboa – foi construído em meados do século XVII. Era destinado a freiras cistercienses de S. Bernardo – daí o nome “Convento das Bernardas”. O terramoto de 1755 destrói o edifício, mas acabaria por ser reedificado e vendido a particulares em 1851. Foi usado como colégio, teatro, cinema, mercearia e até armazém. A partir do início do século XX foi transformado em habitação, mas com condições muito precárias.

As obras chegariam então na passagem do século. O edifício acabaria por ficar com 34 habitações: 17 são T1, 15 T2, um T3 e um T4. A maioria das famílias não poderia assim permanecer no convento. A essas foi dada uma indemnização para que adquirissem uma habitação própria ou arrendassem uma casa num outro local. Mas houve quem ficasse no convento. Foi o caso de Maria dos Anjos.

Não havia nada que tirasse Maria dos Anjos da Madragoa. Mesmo enquanto as obras decorriam no convento, ficou a morar numa rua ali perto. “Ai, nem lhe digo como foram os dois anos em que estive fora daqui... Sempre pedi para ficar aqui na Madragoa”, declara. Dos tempos antigos lembra a pobreza e a falta de condições, mas também a agitação e muita vida. “Havia muita ralação, mas, no fim, éramos todos amigos.”

Hoje está tudo bem mais sossegado. “Às vezes, parece que estamos num hospital. Não se vê ninguém...” Nesses tempos mortos, vai aproveitando para se dedicar a um dos seus passatempos preferidos: sopa de letras. “Não posso estar muito tempo em pé e o meu entretenimento vai sendo este”, diz, a mostrar um livro já bem preenchido.

<https://www.publico.pt/2023/11/12/local/noticia/maria-anjos-vive-antigo-convento-lisboa-nao-unica-2069756>